

AS ORQUESTRAS COMUNITÁRIAS DE SÃO JOÃO DEL REI – MG: IDENTIDADE E AFIRMAÇÃO SOCIAL ATRAVÉS DA MÚSICA

Júlio César F. Amstalden*

Resumo: Este artigo trata das orquestras Ribeiro Bastos e Lyra Sanjoanense, agremiações musicais comunitárias amadoras de São João del Rei. Ambas surgiram no século XVIII, associadas às irmandades religiosas locais, como corporações voltadas ao fazer musical litúrgico católico na cidade. Com a mesma função até hoje e ainda associadas às irmandades, as duas orquestras podem ser entendidas como elemento de construção identitária e meio de afirmação social para as classes média e baixa da cidade. Tanto os conteúdos musicais quanto os valores de identidade e afirmação social são veiculados através da Educação não formal.

Palavras-chave: Educação não formal. Música. Orquestras. Identidade. Afirmação social.

Abstract: This paper deals with Ribeiro Bastos and Lyra Sanjoanense Orchestras, non professional musical corporations of São João del Rei city. Both of them were grounded in 18th Century and since their beginning were linked to the religious brotherhoods of the city. Also, both of them have been devoted to the liturgical Music for the Catholic service. They play the same role until nowadays and are still related to the brotherhoods, beside what they also can be understood as tools for the social affirmation and identity for middle and low classes of São João del Rei. Musical contents and values related to the social affirmation and identity are transmitted through Non Formal Education.

Keywords: Non formal education. Music. Orchestras. Identity. Social affirmation.

* Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP, docente no curso de Música-Licenciatura da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. E-mail: julio.amstalden@gmail.com

Esta pesquisa faz parte de um contexto maior, no qual se procura, a partir do lugar social dado aos músicos na realidade urbana brasileira, entender suas inserções na Educação Não Formal em suas variadas possibilidades. Os cenários da pesquisa foram então aqueles onde se processam interações educativas entre músicos e grupos de pessoas, interações essas que podem ser classificadas como pertencentes ao âmbito da Educação não formal - entendida como um processo que se define e se recria à medida em que é praticado (GARCIA, 2009) - ou ainda da Educação Informal. A pesquisa utilizou-se da sociologia configuracional de N. ELIAS (1993, 1994, 1995, 2000 e 2001) e das diferenciações entre labor e trabalho (ARENDRT, 1981), bem como das considerações da sociologia do trabalho provenientes da escola anglo-saxã (FREIDSON, 1994, LARSON, 1977 e RODRIGUES, 2002). Foram consideradas ainda reflexões advindas da sociologia das profissões artísticas (MENGER, 2005).

Assim, foram visitadas duas ONGs da cidade de Campinas (SP), dedicadas aos cuidados da infância e da juventude, bem como três universidades paulistas que possuem atividades musicais paralelas aos cursos oferecidos (UNIMEP, UNICAMP e UFSCar). Igualmente, foram objeto de estudo espaços dedicados a práticas musicais em Campinas, Mariana (MG) e São João del Rey (MG), que envolvem a comunidade local ou grupos que estão de passagem, como os turistas na região histórica mineira.

Foi utilizada a Metodologia da História Oral como ferramenta de pesquisa, tendo músicos de diferentes formações e faixas etárias como depoentes. Uma vez que nem mesmo os próprios músicos têm muita clareza a respeito do lugar que ocupam na sociedade, a História Oral mostrou-se útil por seu potencial de esclarecer “relações coletivas entre indivíduos num grupo, numa camada social, num contexto profissional, noutras épocas e também agora” (PEREIRA DE QUEIROZ, 1988, p. 64), bem como por seu potencial de

Recolher a maior quantidade possível de testemunhos sobre formas de vida para as quais não existam senão poucos registros; saber como agiam os “silenciosos”, aqueles que pouco aparecem na documentação escrita, (...) saber como encaram sua existência diante das modificações velozes em curso (...). Revela[r] o cotidiano, o tipo de relacionamento entre os indivíduos, as opiniões e valores e, através dos dados assim obtidos, [ser] possível construir um primeiro diagnóstico dos processos em curso. (PEREIRA DE QUEIROZ, 1988, p.63 e 65).

As orquestras litúrgicas e suas principais características

A cidade histórica mineira de São João del Rei é também conhecida por sua intensa atividade musical, representada pela existência de várias corporações amadoras e pela prática secular do toque dos sinos, cuja estruturação em diferentes ritmos e alturas designa fatos cotidianos da comunidade local, ou seja, casamentos, nascimentos, falecimentos e celebrações de diferentes devoções. Entre as corporações musicais de São João del Rei estão dois grupos litúrgicos criados no século XVIII: a Orquestra Lyra Sanjoanense (fundada em 1776) e a Orquestra Ribeiro Bastos (provavelmente fundada em 1790). Embora ambas sejam designadas pelo termo “orquestra”, são, na verdade, formações constituídas por coro e orquestra, pois, uma vez que existem em função do rito católico, executam somente repertório destinado a este¹. As demais corporações musicais que existem na cidade são representadas por bandas de sopros. Esta intensa musicalidade existe igualmente nas cidades circunvizinhas de Prados e Tiradentes. Em São João del Rei existe ainda um conservatório mantido pelo poder público, com aproximadamente dois mil alunos, bem

¹ A música litúrgica católica dá primazia à palavra, de maneira que ela é predominantemente cantada. Os instrumentos atuam somente como acompanhadores do canto.



Coro da Lyra Sanjoanense. Registro na Igreja do Pilar, 20/04/2016. Fotografia do autor.

como um curso de Licenciatura em Música na Universidade Federal de São João del Rei. Os informantes na cidade foram pessoas ligadas à vida musical da mesma, atuantes ou que já atuaram nas duas corporações estudadas.

Tanto a Lyra Sanjoanense como a Ribeiro Bastos, desde seus primórdios, são responsáveis por fazer a música de todas as cerimônias católicas do centro histórico de São João del Rei, de modo que dividem entre si uma agenda de mais de quinhentos compromissos anuais (SCALZO & NUCCI, 2012). Ambas surgiram associadas às irmandades religiosas locais e mantêm esse vínculo até os dias atuais. Cantores e instrumentistas são amadores, de modo que trabalham voluntariamente, sem nada receber, apesar da agenda extensa. No ciclo do ouro, porém, seus músicos eram remunerados pelas irmandades para atuar. As duas corporações possuem sede própria e as despesas com impostos, água e energia são custeadas pelas irmandades.

O repertório cultivado pelas duas orquestras é consti-

tuído por obras de compositores mineiros dos séculos XVII e XVIII. Uma vez que tal repertório foi concebido para a liturgia anterior às reformas promovidas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965)², tudo é cantado em latim, de modo que suas práticas se referendam em um ritual já anacrônico e não mais existente³. Foi observado que, em ambas as corporações, os cantores costumam ser mais idosos e os instrumentistas costumam ser mais jovens. Da mesma forma, observou-se que em ambas existe uma convivência de diferentes gerações, com a presença de crianças pequenas que acompanham seus pais e avós nas funções das orquestras.

² O Concílio Ecumênico Vaticano II foi responsável por profundas reformas no catolicismo, dentre as quais estão as mudanças no ritual da missa. Assim, a liturgia pós conciliar adotou o uso da língua vernácula e privilegiou a cultura de cada país onde a Igreja estivesse presente, de maneira a incorporar manifestações musicais autóctones e respeitar tradições e costumes locais.

³ Não é rara a presença de pesquisadores estrangeiros em São João del Rei, que vêm atraídos pela prática de antigos rituais católicos desaparecidos em outras partes do mundo, mas “fossilizados” na cidade.

Pesquisas anteriores (RESENDE, 2011) mostraram que existe uma rede de parentesco no interior das duas corporações musicais, bem como entre os integrantes da Ribeiro Bastos e os integrantes da Lyra Sanjoanense. Tal rede abrange ainda os grupos similares da região, em Tiradentes e Prados. Esses parentescos envolvem gerações de músicos, de modo que não são poucos aqueles que apontam linhagens de antepassados que integram as orquestras, como avós e bisavós. Resende aponta ainda a presença de irmãos, pais e mães, sendo que crianças são uma presença permanente.

Hoje, o Gustavo⁴ está no coro, junto com os avós, mas se sentou perto do naipe dos sopros (geralmente, ele fica perto do naipe de violoncelos e contrabaixo). Primeiro, deram a ele um trompete para brincar. Ele ficou soprando e experimentando o instrumento, enquanto que o trompetista da ORB⁵, atento e com a maior paciência, mostrava a ele as chaves e como deveria tocar. Ele ficou uns 20 minutos brincando com o trompete antes de voltar para o coro.

Ele acompanhou toda a Novena. Durante o sermão do padre, ele pegou o trompete novamente e aí se sentaram ao lado dele mais dois músicos, além do trompetista – um clarinetista e um trompista – e o deixaram brincar de tocar os instrumentos. Ele é, sem dúvida, a atração da Ribeiro! (p.132 e 133)

A criança em questão é um menino de seis anos de idade, cujos avós eram coralistas e a tia era violinista na Ribeiro Bastos. Assim, pode-se afirmar que os pequenos recebem, ao ter contato com as orquestras, uma iniciação musical natural e permeada por afetividade, como parte de seus processos de socialização. Sobre isso, assim se expressou Anna Parsons, ex-integrante da Ribeiro Bastos ex-docente na UFOP:

Estudo não formal se faz realmente através do aprendizado, eu diria até de brincadeira um pouco, à tapa, sabe? Porque...e passa nas famílias, porque o pai é músico de uma dessas corporações musicais, ou da Lyra ou da Lyra Ceciliana⁶, da Lyra Sanjoanense e Ribeiro Bastos; menino vai domingo com



Coro da Ribeiro Bastos. Registro na Igreja de São Francisco, 21/04/2016. Fotografia do autor.

⁴ Nome fictício.

⁵ Orquestra Ribeiro Bastos.

⁶ Lyra Ceciliana é a corporação musical (orquestra e coro) de Prados, vizinha de São João del Rey.

o pai à igreja, senta do lado, pai manda ele virar a página, “quando chegar aqui, você vira!”, ele fica olhando a nota e aí ele vira e assim eles vão se educando musicalmente. A palavra educação, é uma palavra muito...nesse sentido, você pergunta: “é educação musical?”. Eu defendo a tese que sim. É informal, ela é...você pode dizer que ela não é perfeita, que é uma formação falha, tecnicamente falando, que seja o que for...Mas é uma abertura para o gosto musical, sem dúvida e a tradição se impõe aí com uma força muito grande: “eu vou fazer música porque meu pai fazia música, meu avô fazia música e meu tio-avô fazia música; eu vou fazer música!” (Depoimento de Anna Parsons, 11/08/2014, p.1).

No passado, a formação de novos quadros para as orquestras era responsabilidade de seus próprios integrantes, de modo que os músicos mantinham em suas casas pequenas escolas ou pequenos grupos para a educação dos jovens aspirantes a músicos:

(...) esses músicos mantinham em suas casas pequenas escolas, ou três ou quatro alunos e o que teve o maior número de alunos foi, sem dúvida, Martiniano Ribeiro Bastos, que exerceu essa atividade por 65 anos. E as corporações musicais que eram contratadas pela Igreja para essas funções, (...) que são a Lyra Sanjoanense, a Ribeiro Bastos, a Lyra de Santa Cecília, de Prados e aqui, a Orquestra Ramalho, que é mais recente, é do século XIX, em Tiradentes. Então isso cobre um pouco na região do Campo das Vertentes a educação não formal musical. (Depoimento de Anna Parsons, 11/08/2014, p.1)

Essa tradição perdurou até os tempos atuais:

Quando eu entrei [na Ribeiro Bastos] no anos 70, pra estudar violino, a Ribeiro Bastos me emprestou um violino e eu tinha um professor, que era lá de dentro da orquestra mesmo. A aula era na casa dele, (...) a gente fazia escala e aí ele passava a “Laranjada doce”, o “Parabéns pra você”, à medida que eu ia...mas ele era também estudante, também (...), o Paulo Miranda. Ele era uma pessoa, ele pode falar bem pr’ocê das escolinhas, que ele é bem assim, dessa época. E aí, assim, eu tinha

aula com ele, tinha aula no conservatório, também. Depois quando eu voltei, aí eu comecei a ter aula com um menino que era mais novo que eu, assim. Eu tinha 22, ele tinha 15, 16...(...). Ele era filho de uma cantora lá da orquestra, hoje ele toca na orquestra lá em Londrina. Esse aí, eu ia passando com ele; isso foi pouco, porque eu já sabia a primeira posição, um pouco da terceira⁷; isso pra tocar essas músicas do barroco mineiro isso não é...isso é mais ou menos assim o que se exige pr’ocê tocar, então eu estava quase pronto, pra entrar na orquestra, né? (Depoimento de violinista, 19/04/2016, p.3,)

Essa prática, de membros da orquestra lecionarem para aspirantes a membros, é chamada pelos locais de “escolinha”. O depoente menciona que, ao lado da “escolinha”, também tinha aulas no conservatório. O conservatório de São João del Rey⁸ foi fundado em 1953 e é mantido pelo Governo do Estado de Minas Gerais, que também abriu vários outros pelo interior mineiro, em cidades como Ubá e Cataguazes. Atualmente, a formação dos músicos que tocam nas duas orquestras se dá tanto pelas “escolinhas” quanto pelo conservatório.

O perfil dos músicos

Referências às origens humildes dos músicos das orquestras de São João del Rei surgiram esporadicamente nos depoimentos:

E o pessoal da Ribeiro Bastos eram pessoas muito humildes, assim, muito pobres, assim, muito sem...Era assim: [um] era alfaiate, outro era pedreiro, outro era... Sabe, assim? Normalmente, três ou quatro você poderia considerar classe média-média, o resto era classe média-baixa. (Depoimento de violinista, 19/04/2014,

⁷ Referências às etapas do aprendizado do violino, em ordem crescente de dificuldade.

⁸ Conservatório Padre José Maria Xavier, nome dado em homenagem ao compositor nascido e atuante em São João del Rei no século XIX.

p.2)

(...) Como os membros das orquestras são pessoas que saem com grande esforço de camadas sociais menos privilegiadas... ninguém nunca tinha viajado. (Depoimento de Anna Parsons, 11/08/2014, p.1 e 2)

Em seu estudo sobre a Ribeiro Bastos, Resende observou que:

Há muitas mulheres que se declaram “do lar”, além de vários professores de música, estudantes de música, de cursos técnicos e do ensino médio, funcionários da construção civil, funcionários públicos, militares, professores do ensino básico e do ensino superior, domésticas, profissionais liberais que atuam no campo da beleza, na área de informática ou como chefes de cozinha, aposentados, dentre outros (RESENDE, 2011, p. 74)

A autora não quantificou os membros em relação às suas ocupações, deixando apenas entrever que, apesar de uma relativa heterogeneidade, predominam profissionais da área da educação em seus diferentes níveis e profissionais da área de serviços. Não há citações de profissionais de áreas socialmente consagradas e tradicionais, como médicos, advogados e engenheiros. Sintomática é a presença, segundo a autora, de um número grande de donas de casa. Resende ainda nos aponta que a escolaridade dos membros da Ribeiro Bastos é bastante heterogênea, variando desde aqueles que não concluíram os anos iniciais do Ensino Fundamental até aqueles que são pós-graduados *strictu sensu*. Ainda de acordo com a pesquisadora, as idades dos coralistas variam entre 17 a 55 anos, enquanto as dos instrumentistas variam entre 10 a 42 anos. Resende, no entanto, não indica a constituição por gênero, ou seja, o percentual de homens e mulheres na corporação.

Os indícios a respeito das origens populares dos membros das duas corporações musicais litúrgicas de São João del Rey podem ser somados a outra informação, isto é, a referência quanto à etnia de seus membros. SCALZO & NUCCI (op.cit) assim se referem ao pro-

cesso de formação das orquestras da cidade:

Os primeiros músicos que atuaram na região podem ter chegado de outras cidades mais adiantadas do litoral, ou vindo direto de Portugal, mas logo a população local iniciou forte movimento de formação de músicos. Raros eram os brancos entre eles, pois a atividade musical era um ofício servil não cobiçado pelos colonizadores. Desse modo, desde cedo ela se constituiu em foco de interesse de negros forros e mulatos, que assim conseguiam subir um pequeno degrau na escala social escravagista da colônia. Em 1780, o desembargador Teixeira Coelho já escrevia que “aqueles mulatos que se não fazem absolutamente ociosos, se empreguem no ofício de músicos, os quais são tantos na Capitania de Minas, que certamente excedem o número dos que há em todo o Reino” (p. 15).

Baseados no musicólogo nativo de São João del Rei, José Maria Neves, SCALZO & NUCCI afirmam que as duas corporações sanjoanenses cultivavam uma rivalidade entre si, bem como eram conhecidas por apelidos que designariam a maior ou menor quantidade de negros e mulatos entre seus membros. Assim, a Lyra Sanjoanense era chamada de “Rapadura”, pois concentraria um número maior de negros e mulatos, enquanto a Ribeiro Bastos era chamada de “Coalhada”, pois lá predominariam mais os brancos. No entanto, a observação mostrou com clareza que a presença negra e mestiça é, hoje, marcante nas duas corporações. Os apelidos das duas orquestras foram também lembrados em depoimento, mas justificados de outra forma:

Os dois grupos foram apelidados. A Lyra é chamada de “Rapadura” e a Ribeiro é chamada de “Coalhada”. Em princípio, a gente pensa que sim [devido à maior concentração de negros/mulatos na primeira e brancos na segunda], mas acho que não. Teoricamente, me parece que lá [na Ribeiro Bastos] também tem muitos mulatos, negros na história, sabe? A gente tinha depois atualizado aqui, acho que a sede [da Ribeiro Bastos] ficava atrás de uma queijaria, alguma coisa assim. (Depoimento de docente da UFSJ,

20/04/2016, p.2)

A justificativa contida neste depoimento desmistifica a suposta segregação racial entre os dois grupos. De fato, a atividade de músico era considerada socialmente como subalterna na sociedade colonial brasileira e não era cobiçada. Em relação a isso, o musicólogo Paulo Castagna, em depoimento em rede social⁹, afirma que o culto romântico aos músicos surgiu na transição do século XIX para o XX, de modo que se pode ter a impressão de que os músicos brasileiros do século XVIII possuíam um lugar de destaque na sociedade ou eram vistos como detentores de um *status* superior. Castagna aponta que isso, com exceções bem raras, já não ocorria na Europa anteriormente ao século XIX e, no Brasil, era uma realidade ainda mais crua. O musicólogo corrobora suas afirmações com o auxílio de testemunhos contidos nas Cartas Chilenas (1787-1789), de autoria de Tomás Antônio Gonzaga. Dessa maneira, cita o caso de um músico de Ouro Preto que, em 1786, pede licença de suas funções ao governador da capitania de Minas Gerais para poder acompanhar o enterro de sua esposa. O governador, então, respondeu-lhe que deveria escolher entre tocar e ser preso, “demonstrando qual era a posição social que ocupava em uma das mais ricas cidades americanas do período”.

Um olhar para a História

Ao estudar os músicos coloniais de Ouro Preto, LEONI (2007) aponta que quase todos os moradores de determinada localidade, de todos os segmentos sociais (escravos, inclusive), eram filiados a fraternidades leigas, as quais possuíam papel determinante nas relações sociais da América Portuguesa durante o Antigo Regime. Todas as categorias sociais, independen-

temente de sua condição, desde as mais ricas e importantes até as mais pobres e marginais, se encontravam reunidas nas associações religiosas como forma de fortalecimento e identidade social. Era convencional que as relações entre todos os grupos eram regidas pela dominação social, de modo que comumente se encontrava pessoas importantes ocupando cargos diretivos em irmandades de negros. Dessa forma, seria uma prerrogativa de brancos a concessão de permissão a negros e mulatos para reunir-se em irmandades, de modo que isso constituía uma possível ascensão social aos não brancos e forma de controle social, funcionando como meio de dominação.

As cidades que dependiam da extração aurífera em Minas Gerais viviam em uma constante tensão social, onde não raramente a violência era a forma comum de resolução de conflitos. Não havia autoridades legalmente constituídas pelo Estado e as forças eram exercidas de forma polarizada: de um lado, poderosos nascidos no lugar e, de outro, representantes da Coroa Portuguesa. Entre esses dois polos de poder estavam grande número de aventureiros com poucos recursos, os quais mineravam por si só ou com um reduzido número de escravos. Nos primeiros tempos da mineração, a extração do ouro era mais fácil e barata, pois o minério se encontrava mais na superfície. No entanto, à medida que o ouro começou a rarear na superfície, mais investimentos se tornaram necessários para se explorar as entranhas da terra. Dessa forma, aqueles que detinham recursos menores eram frequentemente mal sucedidos.

Os aventureiros fracassados precisavam, caso não desejassem abandonar a região, de outras formas de subsistência. Assim, passaram a inchar os povoados e a formar um contingente de mão de obra livre. Eram, por assim dizer, uma classe social intermediária, nem senhores, nem escravos, muitas vezes pardos, que encontravam no setor de serviços uma alternativa para sua subsistência. Como a associação em grupos era forma de afirmação e defesa na ordem social das regiões mineradoras, as confrarias passaram a ser as

9 CASTAGNA, depoimento em www.facebook.com/paulo.castagna?fref=ts, acesso em 01/06/2014

agregações características daqueles que viviam da prestação de serviços. O ofício de prestar serviços não era exclusividade dos homens pardos, pois havia também brancos nessa condição. No entanto, pelo menos em Ouro Preto, os brancos prestadores de serviços não se reuniam em representações grupais, como confrarias que tivessem conotação com o trabalho, pelo motivo de que a Câmara vetava aos “oficiais mecânicos” a possibilidade de uma representação distintiva. Dessa forma, os mestres brancos preferiam filiar-se a irmandades que pudessem lhes conferir algum prestígio e diferenciá-los dos não brancos. Ao contrário, por não serem nem brancos e nem negros, os pardos viam sua associação em corporações relacionadas ao trabalho como sua chance de afirmação e distinção social, de modo que, com o tempo, os ofícios mecânicos se tornaram associados ao grupo dos pardos, em Ouro Preto.

Embora a ordem social no Antigo Regime fosse totalmente outra, pode-se dizer que esses pardos, prestadores de serviços, formavam o equivalente a uma classe média, com suas gradações em seu interior. Não eram, entretanto, desclassificados sociais e, entre eles, se encontravam os músicos:

A economia nas vilas mineiras durante o século XVIII estava longe de depender somente da mineração. A confraria de São José dos Homens Pardos, composta por oficiais mecânicos, foi legalizada em 1726, mas já atuava antes disso. Os núcleos populacionais com uma forte característica urbana necessitavam de vários serviços e produtos e a camada da população responsável por esses serviços era majoritariamente parda. Entre eles, talvez numa zona que limitava os extratos¹⁰ superiores dos intermediários, estavam os músicos; não os curiosos e amantes da arte, mas aqueles que viviam de uma profissão urbana como várias outras. A

¹⁰ Em seu texto, Leoni usa tanto o termo “extrato” quanto “estrato”, dando margem para alguma confusão na interpretação. De acordo com o Dicionário Aurélio: a) Estrato – 3. Soc. Faixa ou camada de população quanto ao nível de renda, educação, etc.; b) Extrato – 1. Coisa que se extraiu de outra. 2. Trecho, fragmento. 3. Ver *resumo*. 4. Reprodução, cópia.

parte abastada da sociedade mineradora escravista podia despender com artigos e serviços “supérfluos”. Mesmo fazendo parte do culto católico e das representações de júbilo ao Monarca, a música não era essencial à vida. Contudo, atividades artísticas e uma infinidade de outros serviços mais sofisticados existiram nos povoamentos mineradores. Considerando toda essa gama de profissionais, não apenas como uma excrescência do sistema escravista, temos a possibilidade de imaginar uma disposição dos extratos sociais mais complexa e sem o vácuo entre os extremos da dominação senhorial (LEONI, 2007, p.108).

Embora os estudos de Leoni digam respeito aos músicos profissionais de Ouro Preto no século XVIII, suas análises explicam bem os mecanismos sociais existentes no mesmo período em São João del Rey, de maneira que é possível inferir que as orquestras Ribeiro Bastos e Lyra Sanjoanense, apesar de seus apelidos que pretensamente relacionam um número maior de brancos na primeira e de negros e pardos na segunda, foram, na verdade, ambas formadas por pardos em busca de afirmação na rígida e pesada ordem social vigente nas comunidades mineradoras. Tal origem - permeada por uma luta por reconhecimento social referendada em princípios e valores espirituais da Igreja Católica, poder associado à Coroa – pode explicar os atuais mecanismos identitários subjacentes ainda hoje nas motivações pessoais dos habitantes locais em fazer parte das duas corporações musicais litúrgicas. Fazer parte da Ribeiro Bastos ou da Lyra Sanjoanense poderia ser alternativa de afirmação social para aqueles que, sem recursos para viver da mineração, ofereciam seus serviços como músicos às irmandades locais que, também em busca de afirmação e ostentação de poder, adornavam os templos religiosos com as Artes, fossem elas plásticas ou musicais. Tal configuração pode ter se perpetuado mesmo com o fim da mineração local e surgimento de outras fontes de recursos, como a agricultura e a indústria, uma vez que mesmo os novos empreendimentos necessitaram, no início, de capital a ser aplicado. E este capital não

se encontrava nas parcelas sociais intermediárias ou inferiores, mas sim nas mãos daquelas que tradicionalmente exerceram o poder na localidade. Há ainda que se considerar a presença imigrante em São João del Rey a partir do fim do século XIX, pois a região concentra a maior parte da imigração italiana que se dirigiu para Minas Gerais. Assim, as referências a respeito da origem modesta dos músicos das duas corporações musicais litúrgicas, contidas em depoimentos, fazem aqui todo o sentido.

Dessa forma, o que se pode inferir especificamente às orquestras de São João del Rei é que, desde seus primórdios, seus membros eram oriundos das classes mais baixas da sociedade local, mantendo com essa uma relação servil. Nesse sentido, as Irmandades, ainda fortemente presentes na cidade e no estado de Minas Gerais, foram importantes instrumentos de mediação social. Não por mero acaso, são elas que, mediante contratos, ainda hoje sustentam as orquestras de São João del Rei, cobrindo-lhes as despesas de manutenção (contas de energia, água, material de escritório e outras do mesmo gênero), embora todos os seus integrantes sejam voluntários. No auge da mineração, entretanto, os músicos eram remunerados pelas Irmandades. Desse modo, a identidade local é significativamente perpassada por um amálgama formado entre religiosidade e os mecanismos desenvolvidos no bojo da mediação exercida pelas Irmandades.

Identidade, religiosidade e profissionalismo

Participar das tradições religiosas locais, com seus calendários extensos, reconhecê-las, entendê-las em seus meandros, constitui o ser sanjoanense, de modo que o forasteiro, como um *outsider*, leva tempo para assimilá-las e nelas se integrar:

O José¹¹ é mais novo... Não sei [se é religioso]... É frequentador também... Eles nasceram aqui e cresceram. Ele é daqui. Então, quando é assim, eles estão muito tomados desse, disso tudo. É bem diferente do meu caso. Então, inclusive, eles entendem melhor a liturgia, eu sou! Nossa, pra mim, é difícil, não adiantou nada minha experiência profissional de regente! (risos). Se você subir aqui, você tem que acompanhar o padre lá embaixo, eu falei “o que que é isto”, né? No começo eu tinha que ter alguém junto comigo: “agora! Não, espera!”. Aos poucos estou conseguindo me ambientar, entender melhor a liturgia, quando é uma cerimônia repetida ao longo do ano, eu já consigo... de vez em quando aparece uma que eu fico perdido. (Depoimento de docente da UFSJ, 20/04/2016, p.7)

O depoente, regente da Orquestra Lyra Sanjoanense, é um músico acadêmico que se mudou para São João del Rei por ter passado no concurso público como docente na UFSJ. Nascido na região da Zona da Mata mineira, em vários momentos aludiu às dificuldades de se entender as lógicas ritualísticas locais. Neste depoimento ele se referiu a José, mais jovem do que ele e regente da outra orquestra, a Ribeiro Bastos, sublinhando que seu colega, por ser natural da cidade, está inteirado de todas as minúcias da tradição religiosa local.

Os participantes das orquestras são vigilantes de uma tradição. Isso se manifesta não só através do que conhecem a respeito dos procedimentos litúrgicos, mas também, num sentido mais musical, como o repertório deve ser executado no que concerne aos andamentos¹² e detalhes de interpretação. Tudo parece ser transmitido por uma tradição oral: “era assim que se fazia e sempre fizemos desse jeito”. Durante o trabalho de campo participamos como cantor num ensaio da Lyra Sanjoanense e, apesar de ter sido apenas uma participação, foi possível se observar procedimentos não ha-

¹¹ Nome fictício

¹² “Andamento” se refere à velocidade com a qual uma música é executada, se mais lenta ou mais rápida. No caso dos coros e das orquestras, trata-se de uma escolha do regente.

bituais no relacionamento coro-regente: ao contrário do que seria esperado, eram os corralistas que diziam ao regente como proceder. Eles estavam em seus papéis de conhecedores de um *modus operandi* secular, que não devia ser desrespeitado, apesar do regente ser um músico de muita experiência e muito estudado. As críticas e orientações partiam majoritariamente de um tenor, aparentemente por volta de 40 e poucos anos, ouvidas com paciência e respeito pelo regente. Tal vigilância é também exercida pelos instrumentistas, principalmente os mais antigos nas corporações. Tão intenso é o cuidado com a tradição litúrgico-musical, que nem os clérigos mais desavisados são poupados pela comunidade, que se irrita e demonstra claramente seu descontentamento com as “infrações” cometidas por padres que não estão de todo inteirados das tradições locais.

Se, por um lado, o universo da tradição é um elemento referencial da identidade local, por outro, funciona como espetáculo aos forasteiros não iniciados, atraídos pelo Turismo. Assim, os elementos da identidade sanjoanense, praticados por iniciados, acabam também por desempenhar um papel nas engrenagens da economia da cidade:

Você olha...existem setores que até lucram com a atividade dessas pessoas, né? Quando você olha, por exemplo, a Semana Santa em São João del Rei, atrai muitos turistas! São milhares de turistas! Lotam os hotéis, lotam os restaurantes. E na outra ponta estão os músicos (risos)! Fazendo música por ali. Não são eles que fazem a música: são os irmãos das irmandades que fazem todo o ritual que não é pouco trabalho, né? A própria indústria turística em volta não teria o seu material, né? Não recebem nada para fazer. Estão ali porque, eu acho assim, elas estão ali porque a música, vem ser um prazer pras famílias dela, a música representa tanto na vida delas, que o significado ali podemos falar da inserção social, do valor...ela oportuniza experiências tão significativas, fora as pessoas se sentirem valorizadas, não é isso? Que elas estão ali por causa disso. (Depoimento de flautista, 19/04/2016, p. 5.)

Embora elementos importantes a compor o cenário ritualístico, chamariz de turistas, os músicos ajudam a girar a economia sem nada receber por sua atuação. A recompensa desses músicos não está num possível (e merecido) cachê, mas sim no fato de poderem ser reconhecidos como parte integrante de algo que consideram maior do que si próprios, além de suas próprias pessoas. São estabelecidos em sua comunidade e está em jogo o reconhecimento de seus valores, enquanto sujeitos. Norbert ELIAS (2000) pode ser lembrado aqui, no sentido de que existem, para estabelecidos, tributos sociais a serem pagos em troca de se sentirem participantes do carisma da comunidade e, assim, diferenciados de *outsiders*. Dessa forma, para os integrantes das corporações consideradas, é o prazer de serem reconhecidos como estabelecidos que serve como pagamento de seu trabalho como músicos, mesmo que o preço pago por isso seja gerar mais receita para aqueles que localmente são os donos do capital.

A religiosidade é um forte fator motivacional para os integrantes das duas corporações musicais. Dessa forma, tocar e cantar, para os integrantes das duas orquestras, é uma extensão de suas devoções particulares. Quanto a isso, SCALZO & NUCCI (op.cit), assim se expressam:

A relação do músico com o que está tocando é muito diferente quando ele está dentro de uma igreja e quando está em uma sala de concertos. “O que acontece na igreja é uma atitude devocional”, diz o musicólogo Paulo Castagna, que ressalta que os músicos não estão lá por dinheiro. “Eles fazem o sinal da cruz, ajoelham, não têm só uma atitude de músicos convencionais”. Há ocasiões, durante a Semana Santa, por exemplo, em que um celebrante sobe até o coro e oferece a comunhão aos músicos com a orquestra em plena função (p. 27)

Essa citação pode ser complementada pelo depoimento abaixo:

E uma coisa interessante, talvez ninguém tenha falado isso c’ocê, assim (...), mas essas orquestras aqui, elas estão ligadas

à tradição religiosa da cidade, né? Então, assim, muitas pessoas se sentem unguidas por Deus por tocar naquele lugar, entendeu? Enfim...Eu me lembro de uma vez que minha mãe falou assim “ah, vocês vai todos pro céu!” (risos). Ela não tava gozando, não, ela acreditava, mesmo, no céu, essas coisas assim, então ela, ela... Então, é uma coisa muito presente (...).Aí tinha uma figura do músico devoto, sabe? Que era assim, aquela pessoa que tinha um violino debaixo de um braço e na outra mão um terço, entendeu? (risos).(...) É tipo assim, eu imagino também, por exemplo, assim, se você está tocando numa Sala Cecília Meireles, você erra, você toca desafinado e tal, a pessoa que está lá na primeira fila, ela levanta e vai embora, enquanto na igreja, não! Na igreja, tocar desafinado...quer dizer, é problema, mas não causar esse tipo de...então é uma seara diferente, assim, sabe? É um campo diferente, assim...(Depoimento de violinista, 19/04/2014, p.4)

O esvaziamento e o desfalque de naipes nas duas orquestras é bastante flagrante. Segundo todos os depoentes, há uma séria preocupação na cidade quanto ao futuro das duas corporações, uma vez que tem sido difícil conseguir reposições dos membros que deixam de participar, seja por velhice, seja por doenças. Um dos fatores apontados como dificultador foi o crescimento local de outras confissões religiosas, que não a católica. De fato, um rápido passeio pela região circunvizinha ao centro histórico de São João del Rei irá mostrar uma presença significativa de pequenas igrejas evangélicas, do ramo pentecostal¹³. Assim, as reposições seriam relativamente mais fáceis num momento em que a Igreja Católica era presença hegemônica na localidade, mas se torna mais difícil quando outras confissões ali começam a se afirmar. Por outro lado, há que se reconhecer que, no mundo contemporâneo, a religiosidade, de modo geral, não é assim um valor tão central quanto foi no passado.

No entanto, outro fator deve ser considerado quando se reflete a respeito do esvaziamento das corporações.

¹³ Igrejas como Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil e Igreja Universal do Reino de Deus.

Ou seja, os tempos atuais oferecem possibilidades de mercado para os músicos, ainda que os ganhos sejam poucos e as condições desfavoráveis. Este mercado é representado pela chance do músico oferecer seus serviços em casamentos, bailes e festas, bem como ensinar em escolas especializadas ou particularmente. A precariedade, a concorrência e a instabilidade relacionadas à oferta, fazem com que a procura por trabalho seja grande e constante, de modo que as atividades não remuneradas são postergadas ou mesmo abandonadas numa escala de prioridades. Assim, uma vez que atualmente boa parte dos músicos jovens de São João del Rei é oriunda do conservatório local e mesmo do curso de Música da UFSJ, as corporações musicais litúrgicas sofrem de um esvaziamento de jovens em seus quadros, principalmente instrumentistas:

O menino sai de uma prática amadora [nas orquestras litúrgicas], uma prática musical excelente, você ganha ali dentro habilidades incríveis, mas quando se torna um profissional, agrega-se outros valores e outra relação com a música. Então desfaz aquele meio, desagrega o outro. E nisso, esses novos valores podem dificultar a permanência deles dentro das agremiações. Então, os ensaios de sábado, por exemplo, se o músico vai tocar vários casamentos no sábado à noite, se complica. Baile, tocou à noite um monte, tocou um monte à noite, no sábado, difícil de ele ir na missa do domingo. O cara que ensina, difícil ele ir na missa de quinta feira às sete. Então existem complicações aí, porque a própria profissionalização do músico pode vir meio de encontro com a prática (Depoimento de flautista, 19/04/2016, p.4)

No entanto, os jovens músicos da cidade, cujo percurso formativo passou pelas orquestras e escolas locais, procuram também chances de profissionalização nos grandes centros, abandonando São João del Rei:

E a angústia de todo mundo é “Nossa, isso vai acabar, isso vai acabar!” Tanto num grupo quanto no outro. Porque se são poucas pessoas que participam e se da totalidade do grupo você tem uma minoria que é constante, você tem uma boa parte

que é meio satélite, sabe? Flutua, de vez em quando aparece, vem nessa festa, mas falta de outras todas, nos dois grupos. Isso gera no pessoal, assim, essa insegurança, essa angústia. (...). E ainda tem a questão do interior de Minas: se quiser corresponder a outros interiores, não é o de São Paulo, próximo; o interior de Minas não tem mercado para músico de orquestra. Então, os meninos que se interessam por fazer o curso, como aconteceu, e a maior parte foi da Ribeiro Bastos, eles se formaram e ó! Se mandaram! Belo Horizonte, São Paulo... tudo aí se ajeitando em orquestras profissionais, profissionalmente. (Depoimento de docente da UFSJ, 20/04/2016, p.11)

Remunerar os músicos seria uma forma de se manter as duas orquestras funcionando e completas. Mas ambas as corporações têm, em seus estatutos, a proibição da remuneração. Tal proibição foi baseada no raciocínio de antigos regentes, segundo o qual a participação deixaria de ser efetiva a partir do momento em que a verba para remuneração deixasse de existir. A esse fato junta-se outro, ou seja, os membros de ambas as orquestras, além de possuírem na religiosidade um fator motivacional, alegam que integram os grupos movidos pela possibilidade de sociabilização. RESENDE (op.cit.) apontou que, entre os membros das duas orquestras, existem valores subjacentes que os movem a participar, tais como amizade, convivência, companheirismo e família. Dessa forma, como a maioria dos integrantes possui outras profissões que não a Música, a remuneração se torna um fator sem relevância. Um dos depoentes interpreta da seguinte maneira:

Mas a grande maioria ali não trabalha com música, tem outras profissões. E assim é na Ribeiro, também. E por isso, quando você fala assim “vamos profissionalizar?”, eles têm pavor nisso! De jeito nenhum! Porque acho, imagino que a sensação é “bom, profissionalizou, eu estou fora!”, porque “eu não sou [profissional]” (risos). (Depoimento de docente da UFSJ, 20/04/2016, p.5.)

Dessa forma, pode-se inferir que o amadorismo é um valor importante no seio das duas orquestras, de modo a igualmente compor o mosaico de identidade de quem pertence a seus quadros. Isso é corroborado pelo fato de que ambas as corporações nutrem certa animosidade em relação ao curso de Licenciatura em Música, estruturado na UFSJ. Os músicos das agremiações entendem que um curso superior de Música dispersa os alunos e tem a capacidade de torná-los arrogantes. Queixam-se igualmente de que os professores da UFSJ não vêm integrar as orquestras. Dessa forma, os integrantes da Lyra Sanjoanense e da Ribeiro Bastos tendem a interpretar o esvaziamento de ambas como obra de uma força desintegradora trazida pela Universidade.

Conclusão

Tudo parece indicar que as duas corporações, em sua gênese, eram formadas por brancos pobres e pardos. Na sociedade colonial brasileira, os mestiços integravam um estrato intermediário. Eram homens livres destituídos de poder, cuja afirmação social se dava através do engajamento em atividades de prestação de serviços. Entre eles estavam alfaiates, sapateiros, ferreiros, barbeiros e também músicos. A vigilância da Metrópole impedia que corporações de ofício fossem formadas, o que não evitava que aqueles que prestavam serviços na sociedade colonial se agrupassem em irmandades e confrarias, como estratégia de driblar as proibições da Coroa.

Embora não organizadas como confrarias, as orquestras de São João del Rei desde o começo estiveram associadas às irmandades locais, como prestadoras de serviços musicais. Os músicos, então, obtinham seus proventos dessa forma. As irmandades brancas possuíam poder e conferiam *status* àqueles que as integrassem; estar a serviço de uma irmandade prestigiosa e poderosa era igualmente um sinal de dife-

renciação social. Sendo a Igreja Católica o outro polo de poder, estar a serviço dela era também participar do poder, tanto para as irmandades quanto para quem integrava as irmandades.

A afirmação social através da participação nas duas corporações musicais perdurou ao longo dos séculos como configuração relacional na sociedade local, de modo que até hoje os integrantes de ambas são egressos de classes sociais mais baixas e ainda significativamente relacionadas ao setor de serviços. Dessa forma, a Música associada à religião católica é, para eles, forte fator identitário. Assim, manter e vigiar uma tradição musical secular significa, em última análise, cultivar a sua integração e a identidade como membro dos setores médios da sociedade sanjoanense. Nesse sentido, as atividades educativas no interior das duas corporações visaram sempre não apenas transmitir o conhecimento mínimo para garantir a execução musical, mas também transmitir a significação e o carisma de ser músico fazendo parte das orquestras. São procedimentos educativos que integram o âmbito da Educação Não Formal, expressos por atividades que ocorrem durante os ensaios, como também por atividades denominadas pelos músicos integrantes de “escolinhas”, ou seja, aulas particulares dadas em suas casas pelos músicos veteranos aos neófitos. A fundação de um conservatório estatal na cidade na década de 1950 não interferiu significativamente nessa tradição. Estudos mais aprofundados seriam necessários para se entender as interações entre Educação Formal e Educação Não Formal nesse contexto.

Com base em *Estabelecidos e outsiders*, estudo de Norbert Elias (2000), poder-se-ia dizer que a participação nas corporações litúrgicas confere a seus integrantes um caráter de estabelecidos, pois desfrutam do carisma de fazer parte de agremiações antigas e que envolvem redes familiares de relações, perpassando várias gerações. De acordo com Resende (2011), as categorias internas de uma das orquestras, a Ribeiro Bastos, entendem ainda como novato o integrante que participa, por exemplo, há cinco anos.

Outsiders seriam os forasteiros, aqueles que desconhecem as complexas tradições musicais e religiosas locais, pessoas não iniciadas. Nesse sentido, *outsiders* seriam os sacerdotes, formados numa linha mais contemporânea e progressista da Igreja Católica. Igualmente, seria *outsider* a massa de turistas que frequenta a cidade, atraída pelo espetáculo de cerimônias, já há muito inexistentes em outros lugares do país e mesmo do mundo. Ante todas essas categorias, os estabelecidos sentir-se-iam justificados e motivados a continuar pertencendo às corporações, mesmo que o preço pago por isso seja uma extensa e pesada agenda de compromissos, sem nada receber, mesmo que haja gastos envolvidos. A atividade das orquestras é parte bastante importante no cenário turístico e movimenta capital para quem já o possui (donos de hotéis e pousadas, restaurantes, agências de turismo, lojas etc), mas seus integrantes não participam diretamente do lucro que geram.

São vários e complexos os desafios postos pelo século XXI às duas orquestras litúrgicas de São João del Rey. As jornadas de trabalho se tornaram mais longas e exigentes, bem como muitas vezes apenas um emprego não é suficiente para a subsistência. Esses são fatores que tomam tempo e disposição para participação em atividades comunitárias, por mais arraigadas que possam estar numa localidade. Mais complexa ainda é a questão de cerimônias religiosas de agenda extensa e longa duração, uma vez que anacrônicas, pois estas eram parte de um mundo onde as jornadas de trabalho eram menores e possuíam outras idiossincrasias, bem como a Igreja era um poder muito mais presente. Assim, no mundo contemporâneo quase não há lugar para novenas e trezenas ou comemorações de santos diversos. Além disso, há também o fortalecimento, no Brasil inteiro, dos setores evangélicos de origem pentecostal, representados por Igrejas como a Congregação Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus e outras semelhantes, cujas raízes estão nas dissensões do protestantismo histórico e geograficamente localizadas na

realidade do sul dos EUA. Assim, atrair a juventude como forma de manter a tradição das orquestras se torna um problema, uma vez que religiosidade já deixa de ser um valor central e, mesmo que possa ser, há a concorrência de outras formas de expressão religiosa, que não a católica. Há que se lembrar aqui que a Música tem um papel de muita relevância na religiosidade protestante, bem como sua prática, nas Igrejas de caráter pentecostal, se dá através de formações semelhantes às bandas de *rock*, muito mais próximas da juventude e constantemente veiculadas pela indústria cultural. Além disso, cada vez mais os jovens ganham o mundo através das formas contemporâneas de comunicação, em suas múltiplas possibilidades.

Por outro lado, a figura do músico tem cada vez mais buscado se afirmar numa economia de livre mercado. Esse mercado tem se apresentado sob múltiplas formas e com diferentes qualidades e possibilidades de engajamento. No entanto, na quase totalidade dos casos, o músico tem que ser o agente de si mesmo e se lançar em diversas atividades para conseguir viver de sua arte. O músico brasileiro da atualidade tem buscado se afirmar como profissional de modo independente, sendo a obtenção de um diploma de nível superior um dos caminhos para tal. Nesse sentido, o surgimento de um curso de licenciatura em Música na UFSJ teve seu impacto na realidade das orquestras, uma vez que os valores presentes na academia e na prática profissional da Música são entendidos como elementos *outsiders* na cultura das corporações e, por isso, ameaçadores. Ameaçam tanto os valores vigentes quanto a condição de amadores da maioria de seus integrantes. Assim, existe a tendência, por parte das orquestras, de culpabilizar a Universidade pelas suas atuais mazelas.

Arriscamos a hipótese de que será a capacidade de abertura das corporações ao novo, bem como suas compreensões a respeito de si mesmas, de modo a se resignificarem na contemporaneidade, que irá garantir-lhes a longevidade e o futuro.

Referências bibliográficas

AMSTALDEN, J. C. F. *A cigarra e a formiga: sobre trajetórias de músicos e suas inserções na Educação Não Formal*. Campinas, 2017, 563p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

_____. *A música na liturgia católica urbana no Brasil após o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo, 2001. 198p. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista.

ARENDETT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

BARELA, L., MIGUEZ, M., CONDE, L. G. *Algunos apuntes sobre historia oral y cómo abordarla*. Buenos Aires: Dirección General Patrimonio e Instituto Histórico, 2012. 64p.

BERGER, P. L., LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2014, 36ª.ed. 240p.

BOURDIEU, P. *Escritos de Educação*. In: NOGUEIRA, M. A., CATANI, A. (orgs.). *Coleção Ciências Sociais na Educação*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2015, 16ª.ed. 280p.

CORTELLA, M. S. *A contribuição da Educação não-formal para a construção da cidadania*. In: RUMOS ITAÚ CULTURAL – Educação, Cultura e Arte 2005-2206. *Visões singulares, conversas plurais*. São Paulo, Itaú Cultural, 2007. P.43-49.

DELEUZE, G. GUATARI, F. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010. 271p.

DIAS, J. L. G. *A Música em Prados*. São Paulo, 1999. 207 p. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicação e Artes.

ELIAS, N. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 312p.

_____. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. 150p.

_____. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, c1993-1994. 2v.

- ELIAS, N., SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- EZPELETA, J. Notas sobre pesquisa participante e construção teórica. In: EZPELETA, J., ROCKWELL, E.(orgs.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. P.77-93.
- FERNANDES, S. R. *Educação não-formal: memória de jovens e história oral*. Campinas-SP: Arte e Escrita, 2007
- FREIDSON, E. Why art cannot be a profession. In: MENGER, P. M., PASSERON, J.C. (orgs.). *L'art de la recherche*. Essais en l'honneur de Raymonde Moulin. Paris: La documentation française, 1994.
- GARCIA, V. A. *A educação não formal como acontecimento*. Campinas, 2009. 456p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p.14-41.
- GOHN, M. G. Educação não formal e aprendizagens. In: SOUZA, E. C. (org). *De experiências e aprendizagens: educação não formal, música e cultura popular*. São Carlos-SP: EdUFSCAR, 2013. Cap.1, p.19 – 28.
- JUSTINO, R. A, RODRIGUES, K. S., FAM, C. L. R. Guia de bens edificados de São João del Rei. São João del Rei-MG: Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural, 2008/2010.
- LANG, A. B. S. G., CAMPOS, M. C. S. S., DEMARTINI, Z. B. F. *História oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU*. São Paulo: Humanitas, 1998.
- LARSON, M. S. *The rise of Professionalism. A Sociological Analysis*. Berkeley: University of California Press, 1977.
- LEONI, A. L. *Os que vivem da arte da Música – Vila Rica, século XVIII*. Campinas, 2007. 208p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- MENGER, P. M. *Retrato do artista enquanto trabalhador: metamorfoses do capitalismo*. Lisboa: Roma, 2005. 140p.
- MONTEIRO, M. M. *João de Deus de Castro Lobo e as práticas musicais nas associações religiosas de Minas Gerais (1794-1832)*. São Paulo, 1995.185p.
- Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- NEVES, J. M. *Música contemporânea brasileira*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria Ltda., 2008. 396p.
- PICHONERI, D. M. F. *Relações de trabalho em música: a desestabilização da harmonia*. Campinas, 2011. 252p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos* 3, p.3-15, 1989. Ed. Vértice.
- PORTELLI, A. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História* 14, p. 7-24,1997.
- _____ Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na História Oral. *Projeto História* 15, p. 13-33, 1997.
- QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: LUCENA, C. T. et alii (org.). *Pesquisa em ciências sociais: olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz*. São Paulo: Humanitas, 2008, cap. 2, p.35-77.
- RESENDE, F. M. *A Orquestra Ribeiro Bastos de São João del Rei/MG: prática e aprendizagem musical em uma tradição tricentenária*. Belo Horizonte, 2011. 252p. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais.
- RODRIGUES, M. L. *Sociologia das Profissões*. Oeiras: Celta Editora, 2002, 2ª. ed. 160p.
- SCALZO, M., NUCCI, C. *Uma história de amor à música: São João del Rey – Prados – Tiradentes*. São Paulo: Beê Editora, 2012. 286p.
- SEGNINI, L. À procurado trabalho intermitente no campo da música. *Estudos sociológicos*, Araraquara: v.16, n. 30, p.177-196, 2011.
- _____. Música: arte, trabalho e profissão. In: COLI, J., VALENTE, A. D. (orgs.). *Entre gritos e sussurros: o sortilégio da voz cantada*. São Paulo: Letra e Voz, 2013. P.49-63.
- SEGNINI, L., SOUZA, A. Trabalho e formação profissional no campo da cultura: professores, músicos e bailarinos. Relatório final para projeto temático FAPESP. Capítulos I e II. Campinas-SP: Unicamp, 2007.

SIMSON, O. R. M. V, PARK, M. B, FERNANDES, R. S. (orgs.). *Educação não-formal: cenários da criação*. Campinas, Editora da Unicamp, 2001.

_____ Contribuições da história oral em processos de transformação social e empoderamento de grupos. In: WELLER, W, PFAFF, N.(orgs.). *Metodologia da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010. Cap. 3, p.325-336.

_____ Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. Mimeo, sem data.

WILENSKY, H. L. The Professionalization of Everyone? *The American Journal of Sociology*, Chicago: V.70, no. 2, p.137-158. Set.1964.

Fotos:

Realizadas pelo autor durante o trabalho de campo.